

ANARQUISMO E ANARQUIA

Errico Malatesta

O anarquismo em suas origens, aspirações, em seus métodos de luta, não está necessariamente ligado a qualquer sistema filosófico.

O anarquismo nasceu da revolta moral contra as injustiças sociais. Quando apareceram homens que se sentiram sufocados pelo ambiente social em que eram obrigados a viver, que sentiram a dor dos demais como se ela fosse a sua própria, e quando estes homens se convenceram de que boa parte do sofrimento humano não é consequência inevitável das leis naturais ou sobrenaturais inexoráveis, mas, ao contrário, que deriva de realidades sociais dependentes da vontade humana e que podem ser eliminados pelo esforço humano, abriu-se então o caminho que deveria conduzir ao anarquismo.

Era necessário encontrar as causas específicas dos males sociais e os meios corretos para destruí-las.

E quando alguns consideraram que a causa fundamental do mal era a luta entre os homens que resultava no domínio dos vencedores e a opressão e a exploração dos vencidos, e viram que este domínio dos primeiros e esta sujeição dos segundos deram origem à propriedade capitalista e ao Estado, e quando se propuseram derrubar o Estado e a propriedade, nasceu o anarquismo.[1]

Eu prefiro deixar de lado a incerta filosofia e ater-me às definições comuns, que nos dizem que a anarquia é uma forma de vida social em que os homens vivem como irmãos, sem que nenhum possa oprimir e explorar os demais, e em que todos os meios para se chegar ao máximo desenvolvimento moral e material estejam disponíveis para todos. O anarquismo é o método para realizar a anarquia por meio da liberdade e sem governo, ou seja, sem organismos autoritários que, pela força, ainda que seja por bons fins, impõem aos demais sua própria vontade.[2]

A anarquia é a sociedade organizada sem autoridade, compreendendo-se a autoridade como a faculdade de impor a própria vontade. Todavia, também significa o fato inevitável e benéfico de que aquele que melhor compreenda e saiba fazer uma coisa, consiga fazer aceitar mais facilmente sua opinião, e sirva de guia nesta determinada coisa aos que são menos capazes.

Em nossa opinião, a autoridade não somente não é necessária para a organização social, mas, mais ainda, longe de beneficiá-la vive dela como parasita, impede seu desenvolvimento e extrai vantagens desta organização em benefício especial de uma determinada classe que explora e oprime os demais. Enquanto há harmonia de interesses em uma coletividade, enquanto ninguém deseja e nem tem meios de explorar os demais, não existem traços de autoridade. Quando, ao invés disso, há lutas intestinas e a coletividade se divide em vencedores e vencidos, surge então a autoridade, que é naturalmente usada para a vantagem dos mais fortes e serve para confirmar, perpetuar e fortalecer sua vitória.

Por sustentarmos esta opinião somos anarquistas, e em caso contrário, afirmando que não poderia haver organização sem autoridade, seríamos autoritários. Porque ainda preferimos a autoridade que incomoda e desola a vida, à desorganização, que a torna impossível.[3]

Quantas vezes temos de repetir que não queremos impor nada a ninguém, que não acreditamos ser possível nem desejável beneficiar as pessoas pela força, e que tudo o que queremos é que ninguém nos imponha sua vontade, que ninguém possa estar em posição de impor aos demais uma forma de vida social que não seja livremente aceita?[4]

O socialismo – e isso é ainda mais verdadeiro no anarquismo – não pode ser imposto, seja por razões morais de respeito à liberdade, seja pela impossibilidade de aplicar “pela força” um regime de justiça para todos. Ele não pode ser imposto por uma minoria a uma maioria e também não pode ser imposto pela maioria a uma ou várias minorias.

E é por isso que somos anarquistas, que desejamos que todos tenham a liberdade “efetiva” de viver como queiram. Isso não é possível sem a expropriação daqueles que detêm atualmente a riqueza social e sem colocar os meios de trabalho à disposição de todos.[5]

A base fundamental do método anarquista é a liberdade, e por isso combatemos e continuaremos a combater tudo o que a violenta – liberdade igual para todos – qualquer que seja o regime dominante: monarquia, república ou qualquer outro.[6]

Nós, ao contrário, não pretendemos ter a verdade absoluta. Acreditamos que a verdade social, ou seja, o melhor modo de convivência social, não é algo fixo, bom para todos os tempos, universalmente aplicável ou determinável de antemão. Ao invés disso, acreditamos que uma vez assegurada a liberdade, a humanidade avançará, descobrindo e realizando as coisas, gradualmente, com o menor número de comoções e atritos. Por isso, as soluções que propomos deixam sempre a porta aberta a outras soluções distintas e, esperamos, melhores.[7]

Aqueles que analisam minha pergunta: “Como vocês farão para saber de que maneira se orientará, amanhã, sua república?”, opõem-se, por sua vez, colocando o seguinte: “Como vocês sabem de que maneira se orientará seu anarquismo?”. E eles têm razão: são numerosos e extremamente complexos os fatores da história, são tão incertas e indetermináveis as vontades humanas, que ninguém poderia colocar-se seriamente a profetizar o futuro. Mas a diferença que existe entre nós e os republicanos é que nós não queremos cristalizar nosso anarquismo em dogmas e nem impô-lo pela força; será o que puder ser e se desenvolverá à medida que os homens e as instituições tornem-se mais favoráveis à liberdade e à justiça integrais.[8]

Temos em vista o bem de todos, a eliminação de todos os sofrimentos e a generalização de todas as alegrias que possam depender das ações humanas; buscamos a paz e o amor entre todos os homens, uma sociedade nova e melhor, uma humanidade mais digna e feliz. Porém, acreditamos que o bem de todos não pode ser alcançado realmente sem o concurso consciente de todos; acreditamos que não existem fórmulas mágicas capazes de resolver as dificuldades; que não há doutrinas universais e infalíveis que se apliquem a todos os homens e a todas as situações; que não existem homens e partidos providenciais que podem substituir utilmente a vontade dos demais pela sua própria e fazer o bem pela força; pensamos que a vida social toma sempre as formas que resultam do contraste dos interesses materiais e dos ideais daqueles que pensam e reivindicam. E por isso, convocamos a todos a pensar e a reivindicar.
[9]

O anarquista é, por definição, aquele que não quer ser oprimido e que não quer ser opressor, aquele que deseja o maior bem-estar, a maior liberdade, o maior desenvolvimento possível para todos os seres humanos.

Suas idéias e suas vontades têm origem no sentimento de simpatia, de amor, de respeito para com a humanidade: um sentimento que deve ser suficientemente forte para fazer com que cada um queira o bem dos outros, assim como quer o seu próprio bem, renunciando as vantagens pessoais cuja obtenção requer o sacrifício dos outros.

Se não fosse assim, por que o anarquista seria inimigo da opressão e não trataria, ao invés disso, de transformar-se em opressor?

O anarquista sabe que o indivíduo não pode viver fora da sociedade, na realidade ele nem existiria, como indivíduo humano, senão porque carrega dentro de si os resultados do trabalho de inúmeras gerações passadas, e aproveita durante toda sua vida a colaboração de seus contemporâneos.

O anarquista sabe que a atividade de cada um influencia, de maneira direta ou indireta, a vida de todos, e reconhece, portanto, a grande lei da solidariedade que predomina tanto na sociedade como na natureza. E já que quer a liberdade de todos, deve necessariamente querer que a ação desta solidariedade necessária, ao invés de ser imposta e sofrida, inconsciente e involuntária, ao invés de ser deixada à sua própria sorte e ser explorada em vantagem de alguns poucos e em detrimento da maioria, torne-se consciente e voluntária e seja aplicada para o igual benefício de todos.

Ser oprimidos, ser opressores, ou cooperar voluntariamente para o maior bem de todos. Não há nenhuma outra alternativa possível; e os anarquistas estão naturalmente a favor, e não podem não estar, da cooperação livre e voluntária.

Não queremos aqui ficar “filosofando” e falando de egoísmo, altruísmo e complicações similares. Estamos de acordo: todos somos egoístas, todos buscamos nossa satisfação. Porém, o anarquista encontra sua máxima satisfação na luta pelo bem de todos, pela realização de uma sociedade na qual possa ser um irmão entre irmãos, em meio de homens saudáveis, inteligentes, instruídos e felizes. Por outro lado, quem puder adaptar-se, quem estiver satisfeito em viver entre escravos e em obter lucro de seu trabalho não é, e não pode ser, um anarquista.[10]

Para ser anarquista, não basta reconhecer que a anarquia é um lindo ideal – coisa que, ao menos em teoria, todos reconhecem, incluindo os poderosos, os capitalistas, os policiais e, creio eu, até mesmo Mussolini. É necessário querer combater para chegar à anarquia, ou ao menos se aproximar dela, tratando de atenuar o domínio do Estado e do privilégio, e reivindicando sempre mais liberdade e mais justiça.[11]

Por que somos anarquistas?

Independente de nossas idéias sobre o Estado político e sobre o governo, ou seja, sobre a organização coercitiva da sociedade, que constituem nossa característica específica, e as idéias referentes ao melhor modo de assegurar a todos o livre acesso aos meios de produção e a participação nas boas coisas da vida social, somos anarquistas por um sentimento que é a

força motriz de todos os reformadores sociais sinceros, e sem o qual nosso anarquismo seria uma mentira ou um contra-senso.

Este sentimento é o amor para com a humanidade, é o fato de sofrer com sofrimentos dos demais. Se eu como, não posso fazê-lo com gosto se penso que há gente que morre de fome; se compro um brinquedo para minha filha e me sinto muito feliz por sua alegria, minha felicidade logo se amarga ao ver que, diante da vitrine da loja há crianças com os olhos arregalados que se contentariam com um brinquedo que custa apenas algumas moedas, mas que não podem comprá-lo; se me divirto, minha alma se entristece assim que penso que há infelizes companheiros que definham nas prisões; se estudo ou realizo um trabalho que me agrada, sinto uma espécie de remorso ao pensar que há tantas pessoas que têm maior talento que eu e se vêem obrigadas a perder sua vida em tarefas exaustivas, muitas vezes inúteis ou prejudiciais. Claramente, puro egoísmo, mas de um tipo que outros chamam altruísmo – chamem-no como quiserem – e sem o qual, não é possível ser realmente anarquista.

A intolerância frente à opressão, o desejo de ser livre e de poder desenvolver completamente a própria personalidade até o limite, não bastam para fazer de alguém um anarquista. Esta aspiração à liberdade ilimitada, se não for combinada com o amor pelos homens e com o desejo de que todos os demais tenham igual liberdade, pode chegar a criar rebeldes, que, se tiverem força suficiente, se transformarão rapidamente em exploradores e tiranos.[12]

Há indivíduos fortes, inteligentes, apaixonados, com grandes necessidades materiais ou intelectuais que, encontrando-se por acaso entre os oprimidos, querem, a qualquer custo, emancipar-se e não se ofendem em transformar-se em opressores: indivíduos que, sentindo-se prisioneiros na sociedade atual, chegam a desprezar e a odiar toda a sociedade, e ao sentir que seria absurdo querer viver fora da coletividade humana, buscam submeter todos os homens e toda a sociedade à sua vontade e à satisfação de seus desejos. Às vezes, quando são pessoas instruídas, consideram-se super-homens. Não se sentem impedidos por escrúpulos, querem “viver suas vidas”. Ridicularizam a revolução e toda aspiração futura, desejam gozar o dia de hoje a qualquer preço, e à custa de quem quer que seja; sacrificariam toda a humanidade por uma hora de “vida intensa” (conforme seus próprios termos).

Estes são rebeldes, mas não anarquistas. Têm a mentalidade e os sentimentos de burgueses frustrados e, quando conseguem, transformam-se em burgueses, e não dos menos perigosos. Pode ocorrer algumas vezes que, nas circunstâncias dinâmicas da luta, os encontremos ao nosso lado, mas não podemos, não devemos e nem desejamos ser confundidos com eles. E eles sabem muito bem disso. Contudo, muitos deles gostam de chamar-se anarquistas. É certo – e também deplorável.

Nós não podemos impedir ninguém de se chamar do nome que quiser, nem podemos, por outro lado, abandonar o nome que sucintamente exprime nossas idéias e que nos pertence lógica e historicamente. O que podemos fazer é prevenir qualquer confusão, ou para que ela se reduza ao mínimo possível.[13]

Eu sou anarquista porque me parece que o anarquismo responde melhor que qualquer outro modo de vida social ao meu desejo pelo bem de todos, às minhas aspirações para uma sociedade que concilie a liberdade de todos com a cooperação e o amor entre os homens, e não porque o anarquismo se trate de uma verdade científica e de uma lei natural. Basta-me que não contradiga nenhuma lei conhecida da natureza para considerá-lo possível e lutar para conquistar o apoio necessário para sua realização.[14]

Eu sou comunista (libertário, claramente), estou a favor do acordo e creio que com uma descentralização inteligente e uma troca contínua de informações seria possível chegar à organização das trocas necessárias de produtos e satisfazer as necessidades de todos sem recorrer ao dinheiro, que está certamente carregado de inconvenientes e perigos. Aspiro, como todo bom comunista, a abolição do dinheiro, e como todo bom revolucionário creio que será necessário desarmar a burguesia desvalorizando todos os sinais de riqueza que possam permitir que pessoas vivam sem trabalhar.[15]

Frequentemente, dizemos: “o anarquismo é a abolição do *gendarme*”, entendendo por *gendarme* qualquer força armada, qualquer força material a serviço de um homem ou de uma classe para obrigar os demais a fazer o que não querem fazer voluntariamente.

Certamente, esta definição não dá uma idéia nem sequer aproximada do que se entende por anarquia, que é uma sociedade fundada no livre acordo, na qual cada indivíduo pode atingir o máximo desenvolvimento possível, material, moral e intelectual; que encontra na solidariedade social a garantia de sua liberdade e de seu bem-estar. A supressão da coerção física não é suficiente para que se chegue à dignidade de homem livre, para que se aprenda a amar seus semelhantes, a respeitar os direitos dos outros da mesma forma que deseja ter seus próprios direitos respeitados, e para que se recuse tanto a mandar como a obedecer. Alguém pode ser um escravo voluntário por deficiência moral e por falta de confiança em si mesmo, assim como alguém pode ser tirano por maldade ou por inconsciência, quando não encontra resistência adequada. Porém, isto não impede que a abolição do *gendarme*, ou seja, a abolição da violência nas relações sociais, constitua a base, a condição indispensável sem a qual a anarquia não pode florescer e, mais ainda, não pode nem sequer ser concebida.[16]

Visto que todos estes males da sociedade derivam da luta entre os homens, da busca do bem-estar que cada um realiza por sua própria conta e contra todos, queremos corrigir esta situação, substituindo o ódio pelo amor, a competição pela solidariedade, a busca individual do próprio bem-estar pela cooperação fraternal para o bem-estar de todos, a opressão e a imposição pela liberdade, a mentira religiosa e pseudo-científica pela verdade.

Portanto:

- 1) Abolição da propriedade privada da terra, das matérias-primas e dos instrumentos de trabalho – para que ninguém disponha de meios de viver pela exploração do trabalho alheio –, e que todos, assegurados dos meios de produzir e de viver, sejam verdadeiramente independentes e possam associar-se livremente com os demais, por um interesse comum e conforme as simpatias pessoais.
- 2) Abolição do governo e de todo poder que faça a lei para impô-la aos outros: portanto, abolição das monarquias, repúblicas, parlamentos, exércitos, polícias, magistraturas e toda instituição que possua meios coercitivos.
- 3) Organização da vida social por meio das associações livres e das federações de produtores e consumidores, criadas e modificadas segundo a vontade dos membros, guiadas pela ciência e pela experiência, livre de toda obrigação que não emane das necessidades naturais, às quais todos se submetem voluntariamente, quando reconhecem seu caráter inelutável.

4) Garantia dos meios de vida, de desenvolvimento, de bem-estar às crianças e a todos aqueles que são incapazes de suprir suas próprias necessidades.

5) Guerra às religiões e todas as mentiras, ainda que elas se ocultem sob o manto da ciência. Instrução científica para todos, até os níveis mais elevados.

6) Guerra às rivalidades e aos preconceitos patrióticos. Abolição das fronteiras e fraternidade entre todos os povos.

7) Reconstrução da família, de tal forma que ela resulte da prática do amor, liberto de todo laço legal, de toda opressão econômica ou física, de todo preconceito religioso.[17]

Queremos abolir radicalmente a dominação e a exploração do homem pelo homem; queremos que os homens, irmanados por uma solidariedade consciente e desejada, cooperem todos de maneira voluntária para o bem-estar de todos; queremos que a sociedade constitua-se com o objetivo de proporcionar a todos os seres humanos os meios necessários para que alcancem o máximo bem-estar possível, o máximo desenvolvimento moral e material possível; queremos pão, liberdade, amor e ciência para todos.[18]

NOTAS

1. *Pensiero e Volontà*, 16 de maio de 1925.
2. *Pensiero e Volontà*, 1 de setembro de 1925.
3. *L'Agitazione*, 4 de junho de 1897.
4. *Umanità Nova*, 25 de agosto de 1920.
5. *Umanità Nova*, 2 de setembro de 1922.
6. *Umanità Nova*, 27 de abril de 1922.
7. *Umanità Nova*, 16 de setembro de 1921.
8. *Pensiero e Volontà*, 15 de maio de 1924.
9. *Pensiero e Volontà*, 1º de janeiro de 1924.
10. *Volontà*, 15 de junho de 1913.
11. *Pensiero e Volontà*, 16 de maio de 1925.
12. *Umanità Nova*, 16 de setembro de 1922.
13. *Volontà*, 15 de junho de 1913.
14. *Umanità Nova*, 27 de abril de 1922.
15. *Il Risveglio*, 20 de dezembro de 1922.
16. *Umanità Nova*, 25 de julho de 1920.
17. *Il Programma Anarchico*, Bologna, 1920.
18. *Il Programma Anarchico*, Bologna, 1920.

* Compilação: Vernon Richards

* Tradução: Felipe Corrêa